

ESTADO DE SÃO PAULO

15 MAI 1990

Penitência pela mudança

JUAREZ BAHIA

"O Parlamento é uma assembléia deliberativa de uma nação, com um interesse — o da comunidade —, e devem guiá-lo, não os objetivos locais, mas o bem geral, resultante do interesse geral de todos".

Edmund Burke

Há um ano, o Congresso andava na contramão e era alvo da indignação popular, refletida em anátemas da língua, tais como "irresponsável", "passivo", "incompetente", "protetor dos ricos", "corrupto", "estatizante", "fisiológico", "perdulário", "cartorial". De suas decisões aumentavam o desembolso da União com o funcionalismo, as despesas dos próprios deputados e senadores com mordomias, sucediam-se os "trens da alegria", ressuscitavam-se estatais e crescia a massa de brasileiros no limite da pobreza.



Ainda na Nova República, os parlamentares perderam o bonde da História e, com ele, a oportunidade de reabilitação moral, por terem se tornado coadjuvantes nos 20 anos de regime militar. Readquiridas as prerrogativas cerceadas durante o autoritarismo, e com uma nova Constituição em vigor, o Congresso, em lugar de dar a volta por cima, passou a legislar para as galerias ou para as paróquias, desprezando os interesses e as esperanças da maioria da população. Não foi capaz sequer de acelerar as leis complementares.

Hoje, o Congresso se situa entre o pecado e a indignância. Não é por ser véspera de uma eleição esperada para renovar, e para delirar as impurezas acumuladas, como crostas no limo da representação democrática. É, sobretudo, porque o voto para presidente trouxe a mudança — e uma postura ética que desde a posse do governo vem questionando o caráter da função pública e a natureza dos poderes do Estado.

**O Congresso
deve
se sanear
e se
retificar**

O Congresso não se apercebeu ou não quis ver que o País estava mudando. E agora, não por ser tarde, mas por ser moralmente penoso, se movimenta para reconquistar a confiança perdida aqui, abalada ali. Como instituição vital à democracia, sabe que não tem outro caminho senão o de se identificar com os sentimentos dos 140 milhões de brasileiros, comprometidos com as inovações requeridas pelo avanço social, e não mais com práticas inusitadas de benefícios e facilidades à custa do contribuinte. Nenhuma telinha de TV pode alterar essa evidência.

Pagam os parlamentares — os federais e, por extensão, estaduais e municipais — pelos excessos e abusos cometidos, que vão da atribuição compulsiva de falsos direitos, como passagens, automóveis, telefones, aposentadoria precoce, nepotismo, à imposição voluntária de falsos deveres, como legislar em causa própria, prover cartórios e privilégios, cultivar vícios burocráticos, incentivar o empreguismo. Eles mesmos é que devem purgar as suas excrescências.

A Nação, depois dos dois turnos presidenciais, assumiu o papel de cobrança. Os poderes são cobrados pela maneira mais produtiva na democracia, que é a vigilância dos cidadãos. E nada mais natural que nessa atmosfera de revisão de padrões, prioridades, conceitos, a sociedade receba em devolução tudo aquilo de que foi despojada. É por aí o processo de respeito mútuo e de sentimento recíproco que aperfeiçoa e qualifica a representatividade, dando unidade moral e política à mudança.

O Congresso deve se sanear e se retificar e, nessa obra de correção de valores, quanto mais aplicado for maior será a sua recuperação. Sendo capaz de exumar seus próprios defeitos, nisso rende um tributo ao sistema livre, a sugerir, não exatamente a idéia de perfeição, mas a idéia de eficácia democrática. Poderá levar algum tempo nessa penitência, mas, quando a completar, terá se revelado digno da Nação, já de si renovada.

Além disso, embora não seja autor, não é para o Congresso ser apenas espectador das transformações. O governo não pode continuar exigindo dos cidadãos e das empresas o que ainda não foi capaz de fazer consigo mesmo. O brutal enxugamento da liquidez, a semiparalisação da produção, a redução dos investimentos e a notória queda nos empregos e salários contrastam com as leves penas e os amplos prazos concedidos ao Estado para a sua reforma e modernização.

Juarez Bahia é jornalista e escritor